



**Neste fim de semana** alguns dos nomes **mais representativos da rock** dos anos 1980 estarão se apresentando na cidade. No sábado (20), o **Barão Vermelho** (foto) apresenta suas novas canções e hits de toda uma vida **no Circo Voador**; na mesma noite **saudosistas de plantão** podem conferir **shows da Blitz** e do **Biquini no Morro da Urca**; e, no palco intimista do **Blue Note Rio**, **George Israel** relembra suas **parcerias com Cazuza** e sucessos de sua ex-banda, o **Kid Abelha**. Páginas 2, 3 e 4



Leo Aversa/Divulgação

# A boa banda à casa torna

Barão Vermelho fecha 2025 tocando em seu palco mais sagrado, o Circo Voador

Ana Alexandrino/Divulgação



Arnaldo Brandão abre a noite revisitando seus maiores sucessos



Reprodução TV

## AFFONSO NUNES

**H**á times que jogam bem em qualquer lugar, mas jogam ainda melhor em casa. O Barão Vermelho é assim. Quando a banda sobe ao palco do Circo Voador, na Lapa, é como se cada acorde reverberasse nas paredes que testemunharam seu nascimento, nos anos 1980, quando o rock brasileiro engatinhava mas já saía do quintal underground para revelar sua identidade, conestação e efervescência a públicos maiores. Neste sábado (20), o grupo retorna ao seu “Maracanã” para encerrar 2025 com a turnê “Do Tamanho da Vida”, reafirmando uma parceria histórica que atravessa quatro décadas e formações distintas da banda.

“Do Tamanho da Vida” é também o título de uma música inédita, fruto de uma colaboração póstuma entre a banda e Cazuzu, lançada durante o Rock in Rio 2024 e vencedora do Prêmio Multishow de Melhor Rock no mesmo ano. A letra encontrada por Lucinha Araújo (mãe de Cazuzu) nos pertences do cantor e compositor ganhou melodia pelas mãos dos quatro integrantes da formação atual do Barão: Rodrigo Suricato (guitarra e vocais), Fernando Magalhães (guitarra), Guto Goffi (bateria e vocais) e Maurício Barros (teclado e vocais).



O Barão apresentou ‘Do Tamanho do Mundo’, letra inédita de Cazuzu, pela primeira vez na edição de 40 anos do Rock in Rio

“Tocar no Circo é sempre especial. É como voltar para casa. A energia do público ali é única, tem uma conexão que a gente não encontra em nenhum outro lugar” **RODRIGO SURICATO**

A relação do Barão Vermelho com o Circo Voador não é coisa de para explicar o é preciso estar lá e sentir. É ali naquele espaço que a banda encontra sua essência mais pura. “Tocar no Circo é sempre especial. É como voltar para casa. A energia do público ali é única, tem uma conexão que a gente não encontra em nenhum outro lugar”, reconhece Suricato, terceiro vocalista da banda que já teve Cazuzu e Frejat. A banda mudou,

o mundo mudou, o cenário musical se transformou radicalmente, mas a sinergia entre palco e plateia permanece intacta, como se cada show fosse o primeiro e o último ao mesmo tempo.

O repertório da noite promete revisitar as clássicas “Bete Balanço”, “Exagerado”, “Maior Abandonado”, “O Tempo Não Para” e “Pro Dia Nascer Feliz” e também a novíssima “Do Tamanho da Vida” e outras canções da nova sa-

fra do grupo. Completam a banda no palco o baixista

Márcio Alencar e o percussionista Cesinha.

Para tornar a noite ainda mais especial, o Barão convidou Arnaldo Brandão para abrir os trabalhos. O cantor, compositor e produtor apresenta uma versão condensada do projeto “Brandão 50 Anos Convida”, no qual repassa sua trajetória de cinco décadas de forma descontraída, entremeando

canções emblemáticas com relatos e histórias de sua carreira. No repertório, sucessos que ele próprio ajudou a construir: “Rádio Blá”, parceria com Lobão e Tavinho Paes; “O Tempo Não Pára”, composta com Cazuzu; “Totalmente Demais”, com Tavinho Paes e Roberio Rafael; e “Noite do Prazer”, com Cláudio Zoli. “Dividir o palco com o Barão, uma das maiores potências criativas do Rock Brasil, é uma honra e um prazer e tem tudo a ver com o rock que permanece como um ímã que atrai aqueles que querem por seus ‘ya-ya’s out’”, afirma Brandão, citando a expressão consagrada pelos Rolling Stones.

A turnê “Do Tamanho da Vida” sucede a bem-sucedida “Barão 40”, que marcou os 40 anos do grupo e percorreu o país em uma série de apresentações memoráveis. Agora, com a maturidade de quem já viu de tudo e a energia de quem ainda tem muito a dizer, o Barão Vermelho se prepara para mais uma noite histórica no Circo Voador porque há coisas que não se explicam mas permanecem do tamanho da vida.

## SERVIÇO

### BARÃO VERMELHO | Turnê DO TAMANHO DA VIDA

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)

20/12, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos a partir de R\$ R\$ 180 e R\$ 90 (meia)



# Maduros, mas esbanjando energia

AFFONSO NUNES

**D**izem que saudade não tem idade. Quem viveu a explosão do pop rock brasileiro nos anos 1980 e 1990 ou quem o descobriu por intermédio dos pais (ou avós) têm encontro marcado neste sábado (20) no Morro da Urca em mais edição do projeto Noites de Verão que nesta semana recebe Blitz e Biquini com dois shows completos. Cada uma à sua maneira, as duas bandas que provam que longevidade e relevância artística rimam muito bem. São mais de quarenta anos de estrada para cada uma dessas formações, milhões de discos vendidos, milhares de shows realizados e, principalmente, a capacidade de seguir enchendo arenas, festivais e casas de espetáculo por todo o país.

O Biquini abandonou o complemento Cavadão mas chega chega ao Morro da Urca em plena turnê comemorativa de seus 40 anos, batizada com o sugestivo nome “A Vida Começa aos 40”. Bruno Gouveia, Miguel Flores da Cunha, Álvaro Birita e Carlos Coelho fizeram da ocasião um projeto artístico ambicioso e renovado. A turnê traz um repertório repaginado, visual completamente novo e vem acompanhada do lançamento de um álbum com músicas inéditas. A faixa que abre os trabalhos, “A Vida Começa Agora”, estabelece o tom dessa fase: orgulho do passado e olhar voltado para o futuro. Todo o material está sendo filmado para um grande documentário que registrará essa jornada comemorativa. A banda lançou até uma linha de vinhos em parceria com a vinícola Helios, já que essa bebida também evolui com o passar do tempo.

Quando Bruno, Coelho, Miguel e Álvaro iniciaram essa caminhada em 1985, eram garotos de 18 anos com um punhado de canções e gana de tocar. Hoje, mais de 3 mil shows depois no Brasil e no mundo, nunca pararam - nem mesmo durante crises econômicas, mudanças radicais no mercado fonográfico ou na pandemia - a acumulam mais de 2 milhões de discos vendidos e mobilizam 6 milhões de seguidores em redes sociais e plataformas musicais.

A Blitz, por sua vez, chega ao Morro da Urca com a turnê “Agora É a Hora”, seguindo sua trajetória de agitar plateias com o caldeirão sonoro que mistura rock, funk, reggae, samba, soul e blues, temperado com elementos teatrais

O Biquini mantém sua formação original desde 1985

Biquini e Blitz celebram suas décadas de estada no Morro da Urca com dois shows completos



Símbolo de carioquice, o carismático Evandro Mesquita segue a frente da Blitz

que sempre foram a marca registrada do grupo. A história da banda é indissociável da própria história do rock brasileiro. Com origem no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, a Blitz nasceu sob a lona do Circo Voador, na praia do Arpoador, no Rio de Janeiro. Foram necessários apenas três meses para se transformar na sensação do mercado fonográfico brasileiro nos anos 80. Em plena crise do setor, atingiram a marca impressionante de um milhão e meio de cópias vendidas com o compacto “Você não soube me amar”. O LP “As Aventuras da Blitz” vendeu ainda mais que o compacto, consolidando o fenômeno.

Evandro Mesquita e companhia literalmente arrombaram as portas do rock brasileiro. A MPB nunca mais seria a mesma depois daquele caldeirão carioca que misturava irreverência, crítica social, humor e melodias grudentas. A Blitz fez grandes shows em ginásios e estádios, bateu recorde de público no extinto Canecão e se apresentou em palcos sagrados. No primeiro Rock in Rio, em 1985, já estava lá. Na Praça da Apoteose, em 1984, foi o primeiro grupo a se apresentar naquele espaço, para mais de 60 mil pessoas. Realizou turnês pelos Estados Unidos, Europa e Japão entre 2011 e 2018, levando seu som para plateias internacionais.

O Rock in Rio homenageou a banda em 2015 no Palco Mundo, e a Blitz lotou o Palco Sunset durante seus shows em 2017 e 2022. A televisão brasileira também celebrou o grupo repetidas vezes: no Fantástico, comemorando os 40 anos do clipe “Você não soube me amar”, no Caldeirão do Mion, no Altas Horas e nos 60 anos da Globo. A formação atual mantém Evandro Mesquita no vocal, guitarra e gaita, Billy Forghieri no vocal e teclados, Juba na bateria e vocal, Sara Rosembach no baixo e vocal, Guilherme Schwab na guitarra, Andréa Coutinho e Nicole Cyrne nos backing vocals, e Mafram do Maracanã na percussão e vocal. É uma formação que equilibra membros históricos com músicos que trouxeram sangue novo sem descaracterizar a essência do som.

Além dos dois shows, o Noites de Verão oferece estrutura completa, incluindo gastronomia e um dois visuais mais emblemáticos do Rio de Janeiro.

## SERVIÇO

### BLITZ E BIQUINI

Morro da Urca (Avenida Pasteur, 520)  
20/12, a partir das 22h  
Ingressos + bondinho: R\$ 320 e R\$ 160 (meia)



George Israel volta ao Blue Note Rio com show em quanta Kid Abelha e Cazuza

AFFONSO NUNES

**G**eorge Israel tem histórias pra contar. Com quatro décadas de trajetória na música brasileira, o saxofonista, cantor e compositor Israel retorna ao palco do Blue Note Rio nesta sexta-feira (19), às 22h30, para apresentar um espetáculo que entrelaça dois pilares do pop nacional oitentista: Cazuza e Kid Abelha. O show “George Israel Canta Cazuza e Kid” que revisita sucessos inesquecíveis da banda que fundou com Paula Toller e Leoni e suas parcerias com um dos maiores compositores daquela geração.

A apresentação percorre o vasto repertório criado por Israel no Kid, trazendo clássicos como “Lágrimas e Chuva”, “Eu Tive um Sonho” e “Nada Sei”, canções que se tornaram trilha sonora de uma época e permanecem vivas no imaginário do público. Mas o músico faz (e bem) ao mergulhar na célebre parceria com Cazuza, que rendeu composições conjun-

# Esse tem história para cantar



Divulgação

George Israel é criador de sucessos de sua ex-banda, o Kid Abelha, e em suas parcerias com o genial Cazuza

tas como “Brasil”, “Burguesia” e “Solidão que Nada”. O repertório dedicado ao saudoso parceiro ainda reserva espaço para joias menos conhecidas, mas igualmente especiais, como “Você Vai Me Enganar Sempre” e “Nosso Amor a Gente

Inventa”.

A grande novidade da noite é a participação de Cathy Israel, filha do artista, que empresta sua voz a alguns dos sucessos de ambos os repertórios.

Acompanhado por sua banda

completa, George Israel oferece ao público uma oportunidade rara de visitar duas das mais importantes vertentes da música brasileira de décadas que souberam atravessar o tempo com sua potência criativa.

## SERVIÇO

### GEORGE ISRAEL CANTA CAZUZA E KID

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana)

19/12, às 22h30

Ingressos a partir de R\$ 70

## Na fé tudo se ajeita

Baia & Rockboys se reúnem para show que celebra álbum que não pôde ser lançado no Circo Voador

A história da música brasileira está repleta de episódios que o tempo se encarrega de corrigir. Um deles terá, enfim, seu desfecho nesta sexta-feira (19), quando Bahia e os Rockboys sobem ao palco do Circo Voador para celebrar os 30 anos do álbum “Na Fé”, trabalho que seria lançado meses depois no mesmo local e que acabou não acontecendo porque a Prefeitura do Rio fechou



Divulgação

‘Na Fé’, álbum de Bahia & Rockboys, um marco da música independente, enfim, chega às plataformas digitais

o Circo de forma arbitrária. Mas se Gilberto Gil nos ensinou que “a fé não costuma faia” por que o baiano Maurício Bahia duvidaria?

Lançado em dezembro de 1995 com produção de Tom Capone, “Na Fé” consolidou Bahia como uma das

vozes mais singulares do rock alternativo carioca. O álbum, que agora chega às plataformas digitais pela Deck, vendeu 50 mil cópias de forma independente, números expressivos que levaram a banda a circular por festivais em todo o país. O grupo

recusava rótulos únicos e transitava por diferentes sonoridades.

Baia conta que o repertório da noite traz o disco executado na íntegra, com faixas como “Na Fé”, “Overdose de Lucidez”, “Trem” e “Tô Over”. A apresentação também

presta homenagem ao guitarrista Tonho Gebara, integrante da formação original da banda, e passeia pela extensa discografia do artista que soma 13 álbuns, do seminal “Habeas Corpus” à série “Baia no Circo” até o mais recente “Batidas do Coração”. Durante o show, o artista gráfico Duda Simões projeta imagens históricas da trajetória do grupo no telão.

A abertura fica por conta do cantor e compositor cearense Roberto Viana, que apresenta faixas de seu primeiro álbum “O que é que tem?” e releituras de artistas conterrâneos. Completando a programação, o DJ Lencinho comanda a pista, figura que acompanha a cena desde os tempos do “Sexta Sim”, evento que acontecia no Teatro de Lona da Barra. (A. N.)

## SERVIÇO

### BAIA & ROCKBOYS | 30 ANOS DO ÁLBUM ‘NA FÉ’

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

19/12, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



Adriano von Markendorf/Divulgação



# Meio de século de samba

Jorge Aragão revisita sua vitoriosa trajetória na música popular neste sexta no palco do Qualistage

AFFONSO NUNES

Meio século depois de ter seu nome projetado nacionalmente com “Malandro”, gravada por Elza Soares em 1974, Jorge Aragão retorna aos palcos cariocas com um espetáculo

lo que revisita uma trajetória construída entre a quadra do Cacique de Ramos e os principais palcos do país. O show “Jorge Aragão 50 anos de Poesia” chega ao Qualistage, na Barra da Tijuca, nesta sexta-feira (19), às 21h30, com uma viagem pela obra de um dos compositores mais gravados da MPB. Faça de cabeça uma lista de 10 grandes sambas que maracaram

sua vida e, fatalmente, ao menos uma criação deste artista estará lá.

O repertório reúne canções que atravessaram gerações, de “Vou Festejar” a “Identidade”, passando por “Coisa de Pele”, “Lucidez”, “Moleque Atrevido” e “Tendência”, parceria com Dona Ivone Lara. Um cancionário riquíssimo que ganhou vida na voz de Beth Carvalho, Emílio Santiago, Zeca Pagodinho e do próprio Aragão.

Carioca de Padre Miguel, Jorge Aragão teve sua formação musical marcada pelo convívio com os compositores que se reuniam no Cacique de Ramos. Foi ali que Beth Carvalho o descobriu, trans-

formando composições como “Vou Festejar” e “Coisinha do Pai” em sucessos imediatos. Como um dos fundadores do Fundo de Quintal, ao lado de Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Almir Guineto e Sombrinha, o compositor ajudou a redesenhar o samba carioca nas décadas seguintes.

Com mais de 20 álbuns lançados, Aragão construiu um edifício musical dos mais sólidos de nossa canção popular. Sua obra não foi cantada apenas pelos artistas citados acima. Acrescente à lista nomes como Elba Ramalho, Maria Rita, Ney Matogrosso, Exaltasamba, Martinho da Vila, Jorge Vercil-

Jorge Aragão despontou para a fama quando Elza Soares gravou ‘Malandro’, de sua autoria

lo e Seu Jorge. Em 2016, foi protagonista do projeto Sambabook, indicado ao Grammy Latino, que incluiu discobiografia, fichário de partituras e CD com interpretações de grandes nomes da MPB.

O espetáculo traz uma estrutura que vai além do show tradicional. Com textos e direção de Afonso Carvalho, o ator Raphael Logam assume o papel de narrador, contracenando com Aragão em diversos momentos. O cenário é assinado por Zé Carratu, e a direção musical fica a cargo de Jerominho Fernandes. A direção geral e artística é de Tânia Aragão e Afonso Carvalho, com direção executiva de Fernanda Aragão e Anita Carvalho.

**SERVIÇO**  
**JORGE ARAGÃO - 50 ANOS DE POESIA**  
Qualistage (Via Parque Shopping - Avenida Ayrton Senna, 3000, Barra da Tijuca) 19/12, às 21h30  
Ingressos a partir de R\$ 80

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### Alcione e Xande de Pilares no Batuke

O ano pode até estar acabando, mas o Batuke do Pretinho, a famosa da de samba comandada por Pretinho da Serrinha, não! O cantor, compositor, multi-instrumentista, arranjador e produtor recebe neste domingo (21), a partir das 18h, na Varanda do Vivo Rio, dois convidados que são patrimônio vivos do samba: Alcione (foto) e Xande de Pilares.



Marcos Hermes/Divulgação

### Novas canções entre velhos amigos

Áurea Martins e Cristovão Bastos apresentam nesta sexta (19), às 20h, no Palácio da Música, o álbum “Amizade”, disco que celebra décadas de parceria musical entre a cantora e o pianista. O repertório inclui clássicos como “Fale Baixinho” e composições inéditas, com participações de Miguel Rabello e Gabriel Cavalcante. A produção musical é assinada por Roberto Didio e Miguel Rabello.



Divulgação





Sob supervisão de Amir Haddad, o Tá na Rua mergulha no universo libertário dos cabarés, resgatando a transgressão do musical criado por Chico Buarque em 1978

# Cabaré e malandragem na Cinelândia

**P**alco de chanchadas e espetáculos de revista desde sua criação há quase 100 anos, o Teatro Rival Petrobras recebe a trupe do Cabaré Tá na Rua para apresentar “Ópera das Malandras: In Concert”, espetáculo que revisita o universo criado por Chico Buarque há quase cinco décadas e que se tornou um dos marcos da dramaturgia nacional.

Com supervisão e participação especial de Amir Haddad, fundador do Grupo Tá na Rua e uma das figuras mais importantes do teatro de rua brasileiro, a montagem atual dialoga com múltiplas referências: a obra seminal de Chico Buarque, a estética brechtiana que inspirou o compositor e a tradição libertária dos cabarés que atravessaram séculos como espaços de transgressão e crítica social, mantendo viva a essência subversiva da obra original.

“Ópera do Malandro”, como foi batizada originalmente a peça de Chico Buarque, estreou em 1978, em pleno regime militar, no Theatro Municipal, sob direção de Luís Antônio Martinez Corrêa. A

obra representou um marco de resistência cultural em tempos de repressão, adaptando para a Lapa dos anos 1940 a célebre “Ópera dos Três Vinténs”, de Bertolt Brecht e Kurt Weill, escrita em 1928 na Alemanha. Chico transportou o universo da malandragem alemã para um contexto brasileiro, criando uma narrativa que expõe a exploração do humano pelo humano em meio a cafetões, prostitutas, malandros e autoridades corruptas, tudo embalado por canções que se tornaram clássicos da música popular brasileira.

A versão apresentada pelo Cabaré Tá na Rua mantém o espírito crítico e a musicalidade que consagraram a obra, mas adiciona outros elementos. O cenário de um antigo cortiço na Lapa serve como pano de fundo para uma viagem musical que atravessa décadas, passando por pérolas da MPB até grandes clássicos dos musicais internacionais. Cada canção é transformada

Trupe do Tá na Rua revisita clássico de Chico Buarque no Rival com o musical ‘Ópera das Malandras: In Concert’

em um número espetacular, onde humor, música e espontaneidade se fundem para criar uma reflexão mordaz sobre a condição humana e as estruturas de poder que persistem ao longo do tempo.

Aos 87 anos, Amir Haddad é uma lenda viva do nosso teatro. Ao fundar o Tá na Rua em 1980, o ator, diretor e dramaturgo revolucionou

a cena teatral ao levar a arte para as ruas, praças e espaços públicos, democratizando o acesso à cultura e criando uma linguagem que valoriza a interação direta com o público. Sua trajetória inclui a criação de espetáculos que mesclam teatro, música, dança e artes visuais, sempre com forte apelo social e político.

O Cabaré Tá na Rua, vertente do grupo que se dedica especificamente à linguagem do cabaré teatral, estreou em 2001. O projeto nasceu como uma homenagem à história da Lapa, apresentando de forma bem-humorada e crítica três momentos históricos do bairro boêmio: a Lapa de João do Rio no início do século XX, o auge e a decadência entre 1920 e 1940, e o ressurgimento do bairro como polo cultural a partir dos anos 1990. Ao longo de mais de duas décadas, o espetáculo passou por diversas versões e atualizações, sempre mantendo a proposta de resgatar a essência libertária, indigna e sub-

versiva dos cabarés históricos.

A atual montagem de “Ópera das Malandras: In Concert” é dirigida coletivamente por Máximo Cutrim, Nando Rodrigues, Renata Bronze, Evandro Castro, Carol Eller e Amnah Asad, refletindo a filosofia colaborativa que marca o trabalho do Tá na Rua.

O espetáculo convida o público a se tornar parte da revolução cênica que se desenrola no palco. A proposta é que os espectadores não sejam meros observadores passivos, mas participantes ativos de uma celebração da transgressão e da arte como instrumento de questionamento social. A magia do cabaré, com sua tradição de misturar entretenimento e crítica política, está mais do que presente nesta montagem que evoca a tradição teatral brasileira sem abrir mão de tratar das urgências do Brasil de hoje.

## SERVIÇO

### ÓPERA DAS MALANDRAS - IN CONCERT

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33)  
19/12, às 19h30 | A partir de R\$ 42



# CRÍTICA TEATRO | DE PERTO NINGUÉM É NORMAL

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Artistas brilharam independentemente em 2025 na cena carioca, mas “De Perto Ninguém É Normal” é um espetáculo homogêneo cujas peculiaridades estão, caótica e sofisticadamente, elaboradas. E é com esse cristal transfigurado que a ótima Cia de Teatro Epigenia, completando 25 anos, aposta em comédia e produz uma de suas melhores atrações. Gustavo Paso engendra uma narrativa impecável, baseando-se em “Arsênico e Alfazema”, do estadunidense Joseph Kesselring, montagem da notável TBC -Teatro Brasileiro de Comédia, com Cacilda Becker, em 1949.

Com astúcia, o dramaturgo usa e abusa de elementos, pelos quais os profissionais de teatro perpassam indiscriminadamente, investindo numa metalinguagem sarcástica, além de homenagear a sétima arte com citações de “E O Vento Levou”, “Um Estranho No Ninho”, entre outros. Uma companhia de teatro, desorientada, atabalhoa-se e não realiza o ensaio geral, na noite de estreia: tensões entre atores, diretor, cenários e figurinos atrasados acarretam quiproquós divertidos e inusitados. E quando abre-se o pano tudo vai por água abaixo, num esforço hercúleo do elenco para fazer dar certo, mas que já estava obviamente equivocado, em que o público deleita-se.

A direção, do autor, é meticulosa, a julgar pelo ótimo alinhamento



Luciana Salvattori/Divulgação

Uma peça onde tudo dá errado desde os bastidores é a tônica desta nova montagem da CiaTeatro Epigenia

## Popular sem ser popularesco

ao amplificar seus intérpretes, adicionando marcas inventivas, além do timing sustentado, em que a encenação transcorre vigorosamente, sem perder fôlego.

Ana Velloso e Andrea Dantas estabelecem uma dobradinha raramente vista. Funcionam como uma única engrenagem, mesmo quando reluzem separadamente: Dantas,

ainda como Elza, desenha sua embriaguez com exatidão e Velloso desequilibra-se, numa postura corporal apropriada, em que as atrizes acertam todo o tempo, numa cone-

xão com suas personagens destemperadas adeptas à eutanásia. Luciana Fávero, Gustavo Falcão, Gláucio Gomes, Dodi Cardoso, Gustavo Klein, Tatjana Vereza, Gabriel Natividade e Gustavo Paso, repletos de sabedoria cênica, alavancam poderosamente a montagem, mas vale ressaltar a composição histriônica e jocosa de Anderson Cunha ao viver o policial O'Hara, numa alusão à Jerry Lewis, Renato Aragão, entre outros mestres do humor.

O Cenário de Paso, um dos melhores da temporada, instaura uma ambiência de época com escadaria, portas, vitrô, revelando rusticidade, além de ares gélidos invadidos por janela em perfeita contextualização dramaturgica. Embora a urdidura desenvolva-se na metade do século passado, Graziela Bastos enroupa as personagens numa inspiração vitoriana e seus estilos diversificados, num destaque para o figurino de Elaine. Recortes na luz de Nicolas Caratori favorecem o clima sombrio do espetáculo. “De Perto Ninguém É Normal” é o melhor do popular nos nossos palcos, sem ser popularesco.

### SERVIÇO DE PERTO NINGUÉM É NORMAL

Caixa Cultural - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230)  
Até 21/12, sxta (19h), sábado e domingo (17h)  
Ingressos a partir de R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

## NA RIBALTA POR AFFONSO NUNES

Ale Catani/Divulgação



### Sobrevivência e trabalho

Termina nesta sexta (19) a temporada de “TIP (antes que me queimem eu mesma me atiro no fogo)” no Teatro Firjan Sesi Centro. Com direção de Rodrigo Portella e dramaturgia e atuação de Milla Fernandez, o espetáculo aborda a experiência de uma atriz como camgirl durante a pandemia, quando buscou no trabalho sexual virtual uma alternativa de renda. O espetáculo traz um relato sobre sobrevivência, trabalho e os limites entre público e privado. A direção musical tem a assinatura de Federico Puppi.

Divulgação



### Chegou o natal... no cabaré

Até sábado (20) o Teatro Gláucio Gill apresenta “Sucesso Total – Um Cabaré de Natal”, com direção de Caio Riscado. O espetáculo reúne Gilberto Gawronski, Éber Inácio, Josie Antello, Will Soares, Divina Malandra, Nadia Bittencourt, Vinicius Rocha e Ricardo Nolasco em uma celebração irreverente de fim de ano. A montagem combina improviso, números musicais e humor crítico em uma festa corporativa cabaretera, com papais-noéis, renas e elementos natalinos reinterpretados pela trupe numa encenação libertária.

Daniel Bandeira/Divulgação



### Trajetórias distintas

O espetáculo “Dia de Jogo” encerra neste domingo (21) temporada no Espaço Rogério Cardoso da Casa de Cultura Laura Alvim. A peça acompanha três amigos de infância separados pela desigualdade social: Tito, que enriqueceu de forma questionável, procura Almôndega e Cebola após o desaparecimento de sua esposa Camila. O reencontro forçado pela urgência expõe conflitos éticos, ressentimentos e diferenças de trajetória. O elenco conta com Pedro Manoel Nabuco, Heitor Acosta, Kaio Raiol e Isadora Ruppert.



# SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

## SHOW

### ZÉ PAULO BECKER

✳O violonista e os músicos de seu quarteto mostram as músicas do seu novo álbum “Choro y Salsa”, uma mescla de gêneros brasileiros e cubanos num universo rico de harmonias e ritmos populares. Sáb (20), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

### RICKY VALLEN

✳O cantor apresenta o show “A Voz Mutante”, que tem repertório baseado em grandes clássicos da MPB. , a exemplo de “Atrás da porta” (Chico Buarque) e Sáb (20), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 42

### VERÔNICA SABINO

✳A cantora retoma seu show em tributo a Chico Buarque. Em formato intimista, ela se apresenta ao lado de Fernando Caneca (violão) em torno da obra de um dos maiores nomes da música brasileira. Sex (19), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

### TRIOSSAUROS

✳O Power Trio é formado por Edu Lissovsky (bateria/vocais), Paulo Marconi (guitarra/vocais) e Emerson Ribber (baixo/vocais) nasceu do desejo dos músicos de tocarem um repertório centrado, principalmente, no classic rock e pop dos anos 1960, 70 e 80. Sáb (20), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87, Flamengo). R\$ 50

### LILHOUSE, VÉSPERA & LUNOZ

✳As três bandas oferecem uma noite de muito rock alternativo com seus novos trabalhos autorais. Sáb (20), às 18h. Audio Rebel (Rua Visconde Silva, 55 - Botafogo). R\$ 20 (antecipado)

### ALAFIÁ JAZZ CLUB

✳O quarteto promete uma noite especial de muito jazz, mas sem abrir mão daquele tempero brasileiro. Dom (14), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

### ARTHUR DUTRA

✳A incrível simbiose dos vibes (apelido bastante usado para o vibrafone) com a bossa nova está no repertório do músico que se apresenta com o AD Grupo. Dom (21), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60



Daniel Ebendiger/Divulgação

O Quebra-Nozes



Divulgação

Zé Paulo Becker

### CANTATA DE NATAL

✳A Associação de Canto Coral (ACC) faz a estreia nacional de Canta Navidad, cantata de autoria de Jean Kleebe, compositor e arranjador brasileiro radicado na Alemanha. Participam os coros Tu Voz Mi Voz, Prelúdio e Península, com regência do maestro Miguel Torres. A obra funde a tradição coral europeia com ritmos e melodias de diferentes partes do mundo — com especial atenção à América Latina e Brasil. Sáb (20), às 18h. basílica Nossa Senhora de Lourdes (Boulevard 28 de Setembro, 200 - Vila Isabel). Grátis

## DANÇA

### O QUEBRA-NOZES

✳Criada no século 19 pelo compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovski (1840-1893), uma das mais famosas peças de ballet de todos os tempos volta à cidade em montagem grandiosa que envolve o corpo de baile, orquestra e coro do Theatro Municipal, sob a direção artística de Hélio Bejani e regência do mastro Felipe Prazeres. Até 28/12, qui a sáb (19h) e dom (17h). Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia). Entre R\$ 20 e R\$ 90



Caio Cezar/Divulgação

Quebrando Paradigmas

## TEATRO

### QUEBRANDO PARADIGMAS

✳Lucas Popeta apresenta solo sobre resistência, arte e representatividade sob a ótica de um jovem artista. Até 21/12, qui a dom (19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

### RASPADINHAS

✳Comédia com Alan Catein explora com humor e crítica a relação do brasileiro com a sorte e os jogos de azar. Até 21/12, sex a dom (20h). Espaço Abu (Av. N. S. de Copacabana, 249E). R\$ 50 e R\$ (meia)

### BETTE DAVIS – MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

✳Neste monólogo Nina de Pádua dá vida a uma atriz veterana, isolada em seu camarim, que se vê às voltas com os fantasmas de uma carreira marcada por aplausos e silêncios. No limiar entre o real e o delírio, ela dá voz às memórias que insistem em retornar. Com ironia, desespero e lucidez, Mrs. Davis se debruça sobre os limites entre a arte e a loucura. Até 27/12, ter, sex e sáb (20h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marques São Vicente, 52, 3º andar). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



# OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA [SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR](mailto:SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR)



Viva Mauricio!



Verônica Sabino



Triossauros

## EXPOSIÇÃO

### FRANS KRAJCBERG - UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

Mostra reúne 38 trabalhos do pintor e escultor polonês que, já nos anos 1970, denunciava de forma contundente os riscos ambientais do planeta e suas consequências para a vida de todas as espécies. O artista se notabilizou pelas obras com madeiras de árvores destruídas pela devastação ambiental nas florestas na Zona da Mata. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

### VIVA MAURICIO!

Um mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra de Mauricio Sousa, o mais popular quadrinista brasileiro - criador da Turma da Mônica e de dezenas de outros personagens amados por brasileiros de todas as gerações como o Chico Bento, Pelezinho e Penadinho. Nascidos nos gibis bis publicados pelo artista, esses personagens ganharam vida no teatro, no cinema e em outras linguagens artísticas. Até 13/4/2026, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis



Uma Semântica da Devastação



Bette Davies - Manual de Sobrevivência

### GEOMETRIA VISCERAL

Panorama da produção de Gilberto Salvador que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos. Até 1/3/2026, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

### IRIDIUM

A ceramista Débora Mazloum apresenta suas "cerâmicas paramagnéticas", criadas a partir de misturas de materiais como argila, metais ferrosos e magnetita. Até 10/1, qua a sáb (12h às 17h). Abapirá (Rua do Mercado, 45 - Centro). Grátis

## INFANTIL

### CHUVA NA CAATINGA

Espectáculo infantojuvenil baseado na obra do cartunista Henrique de Douza Filho, o Henfil, artista brasileiro de traço único e inconfundível. As tirinhas de três de seus mais emblemáticos personagens - Graúna, Zeferino e Bode Orelana - são o ponto de partida de um espetáculo que aponta as mazelas brasileiras mas, acima de tudo, prega a esperança. Até 21/12, com retorno em 17/1. sáb e dom (16h). Teatro III do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



# Um 'Close Up!' na inclusão

Uma das vozes mais impactantes da luta contra o racismo na arte, Sabrina Fidalgo roda com José Marçal de Jesus um experimento anfíbio de ficção e videoarte sobre história do cinema

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**E**m expectativa pela carreira de seu recém-finalizado documentário “O Projeto”, feito em dupla com o fotógrafo suíço Yvan Rodic (o FaceHunter), Sabrina Fidalgo usa o tempo de espera para criar (leia-se “filmar”), em fricção com o Itaú Cultural. Ela acaba de rodar um experimento meio videoarte, meio filme de ficção chamado “Close Up!”, fábula inteiramente filmada nos estúdios da própria instituição. A realização é dividida entre a diretora (consagrada por “Alfazema” e “Rainha”) e José Marçal de Jesus, fotógrafo de arte e artista visual radicado em Berlim. O projeto vai se desdobrar numa instalação em vídeo.

A narrativa propõe uma (re)invenção das mais radicais da história do cinema, revisitando desde as produções do cinema mudo, entre 1900 e 1930, passando pelo filme noir dos anos 1940, até o auge da Era de Ouro de Hollywood nos anos 1950. A proposta é recriar representações e visitar estrelas negras... ícones de um cinema que jamais existiu neste mundo de intolerâncias. O elenco conta com o talento de Bruna Brito e marca o retorno do enfant terrible paulistano André Luís Patrício, ator icônico do teatro, egresso do CPT de Antunes Filho.

“Eu me considero uma esteta no sentido de que me interessa muito a linguagem, a beleza. E quando falo de beleza é num sentido muito subjetivo mesmo, mas entendo que beleza tem a ver com um estado de



A realizadora Sabrina Fidalgo no set de 'Close Up' (abaixo), uma experiência narrativa num histórico de lutas decoloniais



“Entendo que beleza tem a ver com um estado de coisas que está intrinsecamente ligado a um sentido de harmonia”

**SABRINA FIDALGO**

coisas que está intrinsecamente ligado a um sentido de harmonia”, diz Sabrina ao Correio da Manhã. “É necessário estudo para entender as várias belezas que tem por aí. Enfim, nesse sentido acho que ‘Close Up!’ dialoga com a minha busca por uma certa linguagem e narrativa que podem ser vistas nos meus filmes anteriores. É um filme feito de várias sequências e que pode dialogar com o formato mais livre das artes visuais. Essas sequências que filmamos podem ser multifacetadas em diferentes dispositivos num espaço expositivo. Podemos usar nossos cenários como obras de arte”.

Sabrina e Marçal são amigos de adolescência. “Lá se vão 30 anos de amizade...e a gente já sabia o queria ser nessa época. Já éramos dois adolescentes pretos e estetas no Rio de Janeiro. Ele é um grande artista da fotografia e trocamos muito. Acho que o olhar poético e fashionista dele dialoga com a minha linguagem cinematográfica que reverência um certo cinema que não incluiu pessoas como nós. Acho que esse é o grande ponto que nos une nesse projeto”, explica.

Conhecida por sua militância no combate ao racismo, em filmes e texto (que já, já hão de virar livro), Sabrina quis fazer cinema inspirada por “O Mágico de Oz” (1939). Lembra da fantasia dirigida por Victor Fleming, com Judy Garland, como um clássico das noites de Natal na sessão Coruja da Rede Globo nos anos 1980 e 1990.

“Tive contato com o filme pela primeira vez aos 6 anos de idade e tudo mudou para mim no momento em que assisti esse filme. Soube ali, naquele momento, que queria fazer cinema. Acho que todos os filmes da Era de Ouro de Hollywood me fizeram ver a questão da intolerância racial, porque eu nunca me vi representada neles. Mas um em específico me fez pensar nisso com mais afino: ‘Imitação da Vida’, de 1959, em que a filha de pele clara renega a mãe negra e tenta se passar por branca na sociedade. Era ainda criança quando assisti pela primeira vez”, conta a realizadora, que passou uma temporada na Alemanha, na juventude, e passou com seus filmes por festivais icônicos, como o de Roterdã, na Holanda.

A inquietação que “Imitação da Vida” causou em Sabrina se faz notar no avassalador jorro de representações da exclusão... seguidas por estratégias de inclusão... que ela e Yvan Rodic levaram para “O Projeto”. É uma investigação sobre aceitação e sobre gestos racistas (dos mais institucionalizados) feita numa excursão por diferentes partes do mundo.

“Meu longa documental foi finalizado há pouco tempo e agora é esperar para sabermos em qual festival iremos estreiar”, diz a cineasta. “Muita ansiedade para soltar esse novo trabalho no mundo”.

Seu projeto de longa seguinte será uma ficção e se chama “Karnaval”.



## ENTREVISTA | THIERRY FRÉMAUX

CURADOR E DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DE CANNES

Pedro Martin/Filme Falado



Thierry Frémaux, curador e diretor artístico do Festival de Cannes, no Reserva Cultural, em Niterói

# ‘A aura do cinema está em cada projeção, está nas salas’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**D**iretor artístico do Festival de Cannes, responsável pela escolha dos títulos em concurso pela Palma de Ouro, Thierry Frémaux, o homem mais poderoso do mundo quando o assunto é a curadoria de filmes, emociona-se ao ouvir o nome do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) numa conversa com o Correio da Manhã, no Reserva Cultural, em Niterói. O papo tinha como foco seu novo filme, “Lumière! A Aventura Continua”, documentário sobre os inventores do cinematógrafo, criado há 130 anos. A estreia é neste fim de semana. Sua montagem revive o que os irmãos Louis e Auguste inventaram ao registrar o planeta... em movimento... com uma câmera, a partir de 1895... até 1905. Os anos revisitados pelo curador da Croisette tangenciam a vigência de um mundo que se chamou “moderno”. Um mundo analógico, bem anterior ao celular, no qual traquitanas mecânicas eram sinônimo de revolução.

Antes de ser levado ao suicídio pelo avanço de Hitler, Benjamin foi cronista crítico dessa tal modernidade, instigado pela ideia de que a reprodutibilidade técnica daria cabo da essência da arte, na busca da transcendência. Não por acaso, dizia: “O capitalismo nunca morrerá de morte natural”. O longa de Thierry sabe disso e discute essa questão num lirismo avassalador. É o filme mais benjaminiano em nossas telas, em muito tempo.

A perplexidade diante do que uma imagem encapsula move Thierry nesse .doc e também nas suas escolhas para Cannes, além de mobilizar em sua literatura. O francês de 65 anos esteve no Rio no passado para lançar o livro “Judoca”, que recebeu o Grand Prix Sport et Littérature de 2021 concedido pela Association des Écrivains Sportifs (AES). Em sua vinda anterior ao país, ele demonstrou seus conhecimentos de judô numa luta amistosa com o diretor Cavi Borges, atleta de formação, fazendo o Estação NET de tatame.

Agora, em sua passagem mais recente, sob os auspícios do distribuidor e exibidor Jean Thomas Bernardini, Thierry esgrimou palavras com o realizador oscarizado Walter Salles no Reserva. A esgrima aqui é com o Correio.

“Buscar um formato, no cinema que me encanta, é problematizar onde a câmera deve estar”

“Ao longo da História, o sucesso do público garantiu triunfo ao cinema, inclusive como linguagem”

**Qual é a maior lição artística que seus filmes sobre os Lumière te ensinaram?**

**Thierry Frémaux** - Além da certeza de que a câmera é uma celebração de vida e da noção de que cineastas têm sempre que ter responsabilidade sobre o que celebram, tive a percepção de que fazer arte é buscar um formato. Eu tive

esse ensejo antes, ali entre os 18, 20 anos, quando fui apresentado a um filme chamado “Pierrot Le Fou”, de Jean-Luc Godard. Buscar um formato, no cinema que me encanta, é problematizar onde a câmera deve estar. Essa pergunta partiu dos Lumière e tocou Jean Renoir, Robert Bresson, Maurice Pialat, Abbas Kiarostami. Além

dessa problematização, há a certeza de que a montagem é o lugar onde descobrimos a verdade de um filme.

**Qual é a França que você encontra no cinema dos Lumière?**

Uma França popular. Ao buscar o real como mediador, no fim do século XIX, os Lumière retrataram as mesmas pessoas que estão na prosa de Émile Zola e Marcel Proust: os paysans, as pessoas que vieram do campo, as pessoas que encaram a aventura das cidades. No início da filmografia dos Lumière, vemos o trem, signo máximo da modernidade, na tela, em primeiro plano. Não demora aos planos deles darem evidência ao povo. Até o marxismo pode ser aplicado nessa perspectiva deles.

**Esse “povo” seria também a população que passa pelos escritos de Walter Benjamin? Evoco o nome dele pois o cinema escancara sua preocupação com os efeitos da reprodutibilidade técnica na arte, o que, segundo ele, levaria a perda da “aura” de uma obra. Onde está a aura da arte cinematográfica?**

A aura do cinema está em cada projeção, está nas salas. Ao longo da História, o sucesso do público garantiu triunfo ao cinema, inclusive como linguagem. A fragilidade com que nos deparamos hoje, nestes tempos de onipresença do celular em todos os espaços, neste tempo de TikTok, está no futuro das salas. Há que se salvá-las. Em Lyon, por exemplo, houve um empenho da Cultura, para que as salas fossem preservadas.

**Seu “Lumière! A Aventura Continua” dá tratamento singular ao preto e branco imortalizado nos filmes dos irmãos Louis e Auguste. Essa sua forma de tratar o P&B parece uma busca proustiana por uma estética de um passado que o digital até reproduz, mas não ressuscita na inteireza. Que mistério há no preto e branco da gênese do cinema?**

Existe algo de mágico ali pelo fato de o P&B gerar esplendor, mas eu sinto que essa busca mobiliza grandes artistas do presente, como Jim Jarmusch, por exemplo (em seu “Dead Man”). Não há o P&B de Murnau, na qual a película expressava sua força pela granulação, mas há o P&B de um diretor como (o filipino) Lav Diaz. Essa nova memória material, mesmo no digital, ainda alimenta um espaço mental... de resistência e permanência.



# ‘Valor Sentimental’ para agitar o Natal

Kasper Tuxen/Divulgação



‘Sentimental Value’, do norueguês Joachim Trier: um rolo compressor em premiações internacionais

Tratado como potencial concorrente ao Oscar, drama norueguês ganhador do Grande Prêmio de Cannes encontrará espaço em circuito no dia 25, mas tem pré-estreia no Rio no sábado

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

Não é só “O Agente Secreto” que precisa ficar atento à ofensiva norueguesa chamada “Valor Sentimental” (“Affeksjonsverdi”), mas também todos os concorrentes de peso (incluindo “Uma Batalha Após A Outra” e “Pecadores”) desta temporada de premiações que levam ao Oscar, no dia 15 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles. Hollywood em peso já sacou a força do drama dirigido por Joachim Trier (“Mais Forte Que Bombas”), nas mais variadas categorias. Suas oito indicações ao Globo de Ouro são um atestado de prestígio. É hora de a cinefilia brasileira sacar também o potencial dessa produção de US\$ 7,8 milhões, rodada em Oslo, com tomadas em Deauville, na França.

Tratado como potencial concorrente ao Oscar, drama norueguês ganhador do Grande Prêmio de Cannes encontrará espaço em circuito no dia 25, mas tem pré-estreia neste sábado no Rio. Como é alta a expectativa por essa trama de lavagem de roupa em família - com toques de bastidor da vida teatral e do mercado cinematográfico auto-

“Escolho filmes que discutam a dramaturgia da falta do diálogo, hoje tão presente”

**JOACHIM TRIER**

ral -, sua estreia vai ocorrer no Natal, em pleno dia 25. Como um esquentado para o lançamento, que tem a MUBI no rol de seus agentes distribuidores, neste sábado haverá uma bateria de pré-estreias do longa por várias salas de exibição da cidade.

Em cada uma delas, vai se ouvir um berreiro. E aplauso. Passados 25 minutos da primeira projeção mundial de “Sentimental Value” (seu título mundial de trabalho), no último Festival de Cannes, a imprensa presente na sessão do filme entreolhou-se e compartilhou... baixinho..., em plena cumplicidade, um comentário:



Divulgação

“Vem Oscar daí”. Concorrente à Palma de Ouro, o novo exercício autoral de Trier, realizador de “A Pior Pessoa Do Mundo” (2021), saiu da Croisette com o Grande Prêmio do Júri e seguiu sendo aclamado em telas de Locarno e de San Sebastián. No Festival do Rio, ele foi uma coqueluche também.

Joachim retoma a parceria com a (monumental) atriz Renate Reinsve nesse devastador relato sobre acerto de contas entre filha, pai, teatro e cinema. Seu cacife só faz subir nas apostas para as estatuetas da Academia de Artes e Ciências Cine-

matográficas de Hollywood.

“Meu pai fazia som no cinema e eu construí essa história buscando meios de domar os hiatos que o silêncio produz, sem o interesse de preenche-los, mas, sim, de contorná-los”, respondeu Joachim ao Correio da Manhã em Cannes.

Em fevereiro, a Noruega, país que ele representa, conquistou o Urso de Ouro da Berlinale com “Dreams (Sex Love)”, já lançado no Rio, e também atento a faíscas em família. Dilemas maternos e (sobretudo) paternos explodem em “Valor Sentimental”. Seu roteiro aborda o

ônus nas conexões de sangue a partir da simbiose entre as irmãs Nora e Agnes, vividas por Reinsve e Inga Ibsdotter Lilleaas, ambas indicadas ao Globo de Ouro. Elas reencontram seu pai distante, o carismático cineasta Gustav Borg, encarnado num Stellan Skarsgård em estado de graça. Ele foi muso de outro Trier... o dinamarquês Lars von Trier, com quem filmou cults como “Ondas do Destino” (1996) e “Ninfomaníaca” (2023).

Na trama de “Valor Sentimental”, Nora e Agnes perderam, faz tempo, o convívio com Gustav. Depois que a mãe delas suicidou-se, ele foi se afastando gradualmente, para se dedicar a uma carreira, consagrada, como documentarista. No momento em que Nora vive o apogeu de sua trajetória como atriz nos palcos escandinavos, ele volta e oferece a ela um papel central num projeto que marca seu retorno à ficção. Quando Nora recusa, ela logo descobre que ele deu seu papel a uma jovem estrela de Hollywood, Rachel (Elle Fanning), que almeja ser mais do que uma jovem diva hollywoodiana. Com a chegada da moça, as duas irmãs precisam lidar com as mágoas de outrora e exorcizar fantasmas.

“Escolho filmes que discutam a dramaturgia da falta do diálogo, hoje tão presente na sociedade”, disse Renate ao Correio da Manhã.

O favoritismo de Trier é maior na categoria de Roteiro, sendo que Stellan é visto como “O” oscarizado entre os coadjuvantes masculinos desta safra.





**NATAL**  
Sesc

Vem viver

**encontros**

Chegou a época do ano de viver mais encontros, e o Sesc preparou uma programação especial com atrações para toda a família.

**Vem viver o Natal.  
Vem viver mais encontros.  
Vem viver o Sesc.**

 Confira a programação completa em **[natalsesc.com.br](http://natalsesc.com.br)**

**11 de novembro  
a 06 de janeiro**

**sesc**





'Snoopy Apresenta Uma Canção de Verão' é o mimo da Apple TV aos fãs de Charles M. Schulz

# Já é Natal na casinha do Snoopy

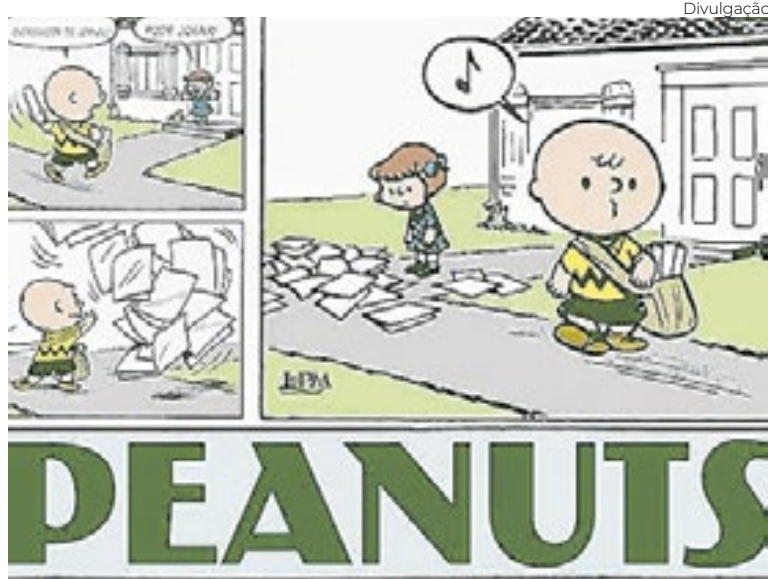
Os 75 anos do universo 'Peanuts', criado em 1950 por Charles M. Schulz, vai aumentar os lucros do atacado, do varejo e dos fornecedores de iguarias nerd, incluindo streamings

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

Quem passar pela Cardoso de Moraes, rua mais famosa de Bonsucesso, ali junto a Praça das Nações, do ladinho da C&A, vai encontrar uma barraquinha de bonecos de crochê em que o item mais procurado é um bonequinho do Snoopy. Periga ser o mais caro (R\$ 80) da loja. Pudera... O universo ilustrado do cão metido a aviador, chegado a tiradas existenciais e parça do passarinho bicho-grilo Woodstock chegou aos 75 anos e, frente a essa efeméride, o mercado – seja o de memorabilias, de brinquedos ou de HQs – só faz dizer “Amém!” para seu criador: Charles Monroe “Sparky” Schulz (1922-2000).

Dê Google em Charlie Brown... ou “Peanuts” (em português, “Amendoim”, e em português de versão brasileira Herbert Richers “Minduim”) para ver o que aparece. É um mundaréu de estojos, pastas, canecas e pelúcias. A Panini, maior editora de quadrinhos em atividade neste país, lançou faz pouco um álbum de figurinhas com a turma do beagle. Nos streamings, então, sua presença é uma festa, a se destacar o longa que o ca-



Coletânea original de Charles M. Schulz com tiras dos anos 1950

rioca de Marechal Hermes Carlos Saldanha, o animador de “A Era do Gelo”, produziu há dez anos, com foco nas peripécias de Snoopy e seu amigo Charlie.

Essa coqueluche que dura sete décadas e meia se explica fácil. Afinal, quantos personagens infantojuvenis - da literatura, da TV, do cinema ou das revistinhas - você conhece que já disseram frases como “É melhor ter um amor amado e depois perdido do que nunca ter amado na vida”. Esse foi o aforisma dito por Charlie Brown (dublado por Marcelo Gastaldi no SBT, nos anos 1980) depois de

dançar com seu crush, a Garotinha Ruiva. O grau de dilema existencial que reside nas sacadas cômicas do garotinho careca, que só deseja não ser esnobado em praça pública se conjuga com as DRs entre a aspirante a psicanalista freudiana Lucy e o pianista Schroeder, mais afeito a Beethoven do que aos flertes do benquerer. Não por acaso, a revista “Time” escreveu: “O Snoopy é mais do que um cão: é um filósofo, um poeta e um herói”, numa referência ao beagle de ar fofucho que ultrapassou a condição de pet na relação com o supracitado Charlie, do qual é cúmplice e confidente,



Kit com caneca e almofada do beagle mais amado do planeta



L&PM lançou edições de Charlie Brown em formato pocket

no jornal da cidade natal de Schulz, o “St. Paul Pioneer Press”, de 1947 a 1950. O nome Charlie Brown foi usado pela primeira vez ali. A série também tinha um cachorro muito parecido com a versão do Snoopy do início dos anos 1950. Problemas jurídicos inviabilizaram o uso do título de origem e a United Features Syndicate (UFS) sugeriu o nome “Peanuts” (que Schulz odiou) em referência a uma ala do programa infantil “Howdy Doody”, chamada “Peanut Gallery”. Sem poder de veto... o artista gráfico engoliu o “amendoim” a seco, mas ficou célebre por seu universo de tipos cheios de personalidade.

Organizadas por décadas nos álbuns da L&PM, os retângulos ilustrados de Schulz nos dão o prazer de reencontrar as múltiplas facetas do cãozinho mais criativo das BDs: parte ás da aviação da Primeira Guerra Mundial; parte escritor fracassado de máquina de datilografar em riste; parte amigo fiel (mas nem sempre obediente); parte Nietzsche... em suas digressões filosóficas a olhar o mundo do alto do telhado da sua casinha.

Paralelamente à publicação, saiu um filme de 40 minutos “Snoopy Apresenta: Uma Canção de Verão”, feito para a Apple TV. Por lá estão uma variedade de séries e especiais criados a partir de 2018 com a patota de Minduim. Já na Prime Video da Amazon, encontra-se o clássico desenho “O Natal do Charlie Brown”, de 1965. O moleque introspectivo chegou a ser dublado por Selton Mello no Brasil.

Em 2024, as tirinhas postadas nos perfis oficiais da Peanuts Worldwide, que administra a marca, alcançaram mais de 22 milhões de pessoas, segundo dados divulgados pela própria empresa. Centrado nas alegrias e frustrações da infância, a obra de Schulz expandiu ao longo das décadas para uma extensa fornada de produtos licenciados. Neste Natal, eles vão lucrar a rodo.



Bonequinho Fandom do beagle de Charlie Brown em versão astronauta

mesmo sem fala... ou latido. Basta dar uma folheada nas edições de bolso que a L&PM publicou com as crônicas da vida como ela é ao lado de Snoopy. Tá tudo à venda na Amazon... e com precinho de alegrar Papai Noel.

A editora publicou ainda compilados com as tiras originais de Schulz, que começaram a sair em 2 de outubro de 1950. Em Portugal, a editora Iguana juntou sua obra num álbum bonito: “#O Indispensável do Snoopy”.

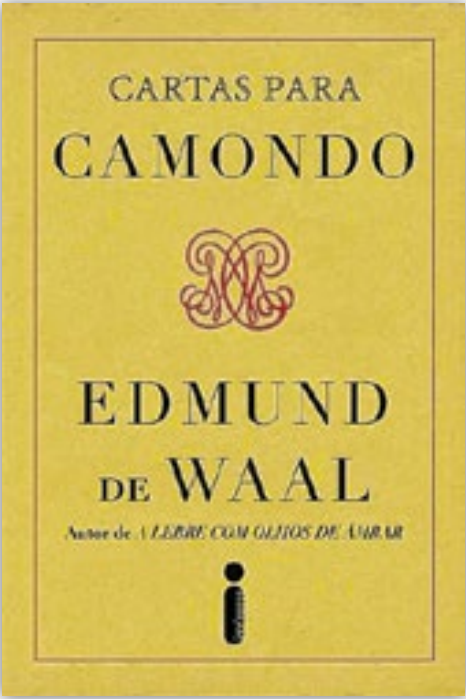
O que hoje conhecemos como “Peanuts” teve sua origem em “Li'l Folks”, uma tira semanal publicada



CRÍTICA LIVROS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

# E continua o pré-Natal



Chegando aos momentos finais de escolha de presentes para a grande festa do comércio, mais sugestões de livros que farão bonito na reunião de família.

“Escalavra” (Amarcord, R\$ 54,90), de Marcelino Freire, é um exercício poético em prosa para contar a história de um pai e seu filho. Quase um poema concreto em sua forma, construída por palavras curtas e monossílabos empregados raramente pelo pai para se comunicar com o filho, é dos silêncios que se alimentam os sonhos dos dois personagens. A silenciosa rotina é abalada com a chegada de um professor ao lugarejo onde vivem, contrariando os poderosos da região, que pretendem manter a população na ignorância a fim de não perder a mão de obra barata local.

“Machado — O filho do inverno” (Ação Editora, R\$ 105), de C.S. Soares, é o primeiro volume de uma biografia que traz um novo olhar sobre o mais celebrado escritor brasileiro, cobrindo sua vida do nascimento, pobre, no Morro do Livramento, até o lançamento de “Memórias póstumas de Brás Cubas”. A intensa atividade intelectual de um romancista negro que acompanhou a mudança do Império para a República, mas cuja identidade racial foi camuflada pela maior parte de seus estudiosos é um dos pontos em destaque no texto. O próximo volume sairá no primeiro semestre de 2026, abordando sua trajetória, o casamento e seus últimos anos de vida, no bairro carioca do Cosme Velho.

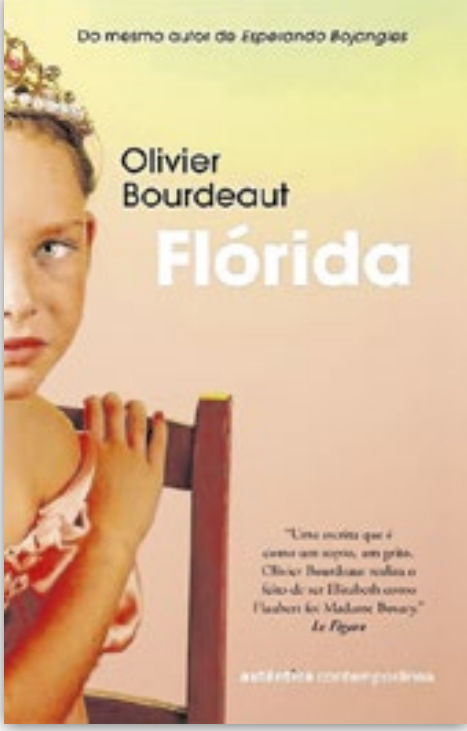
“Depois do trovão” (Companhia das Letras, R\$ 71), de Micheline Verunschik, mistura diversos idiomas — português arcaico, tupi-guarani, línguas tupianas e usa vocabulário de outros grupos indígenas — para lembrar as expedições da Coroa portuguesa pelo interior do Nordeste brasileiro, nos séculos XVII e XVIII, com a finalidade de exterminar os povos da região.



A chamada Guerra dos Bárbaros foi liderada por bandeirantes paulistas, que destruíam vilarejos e suas populações. O protagonista é Auati, filho de um jesuíta e de uma indígena, levado pelo pai para integrar as tropas que matam os nativos, sendo obrigado a assumir uma identidade de branco.

“Os anos de vidro” (Nós Editora, 51,90), de Mateus Baldi, traz onze contos que revelam a dualidade da vida em situações inusitadas. Um aluno segue o professor, de cuja sexualidade desconfia; um linchamento presenciado por uma criança a caminho da escola; a mulher que reflete sobre transição de gênero ao encontrar um grupo de pessoas trans na rua. O questionamento de limites é uma constante apresentada com delicadeza em textos que se complementam, embora diversos entre si.

“Flórida” (Autêntica Contemporânea, R\$ 63,90), de Olivier Bourdeaut, é o retorno do escritor ao universo da infância atônita com



o desconcertante comportamento dos adultos — o que ele já havia abordado em seu romance de estreia, “Esperando Bojangles” (Autêntica Contemporânea, R\$ 42,90), no qual mostra como a doença mental afeta todos os membros de uma família. Desta vez, a crítica vai para a exploração infantil e a sexualização da infância nos concursos de beleza de crianças, que se submetem à ditadura do culto ao corpo, mesmo que os seus ainda não estejam completamente formados. Aos sete anos, Elizabeth vence a primeira disputa de ‘minimiss’ de que participa. Daí em diante, jamais ganhará outra, ficando sempre entre as cinco finalistas, pois tem “perfil de segundo lugar” — para desespero de sua mãe. À medida que cresce, Elizabeth decide deformar o próprio corpo e deixar de ser a “princesinha”, que perde os fins de semana em desfiles e precisa enfrentar a frustração da mãe, inconformada com suas sucessivas derrotas.

“Cartas para Camondo” (Intrínseca, R\$ 56,12), de Edmundo de Waal, conta, em forma epistolar, a trajetória de uma rica família judia perseguida pelo nazismo, cujo legado para a França foi a maior coleção particular de arte francesa do século XVIII. Ao descobrir que o conde Moise de Camondo, banqueiro descendente de turcos, morava na rua de Monceau, a metros de seus antepassados, os Ephrussi, De Waal escreveu 58 cartas imaginárias ao aristocrata, tratando da escolha do casarão onde abrigou suas obras de arte, transformado no museu Nissin de Camondo. A descrição dos objetos da casa-museu aborda não apenas as rotinas de compra e exibição, mas revela detalhes da vida de uma família que sofreu com o antissemitismo na Segunda Guerra Mundial.

“Minhas queridas e outras cartas”, (Rocco, R\$ 93,90) ganha nova edição, reunindo boa parte da correspondência entre Clarice Lispector, suas irmãs Tânia e Elisa, e o filho Pedro. Se a escritora nascida na Ucrânia e criada no Brasil era conhecida por sua personalidade arredia, nas cartas à família, ela se derrama em cuidados, carinhos e detalhamento do cotidiano no exterior, onde viveu por quinze anos, acompanhando o marido diplomata. Que ninguém espere encontrar literatura nos bilhetes, mas um relato pessoal das experiências vividas durante a Segunda Guerra Mundial, quando Clarice passou por uma Itália marcada pelo conflito, chegando à tranquilidade de Berna, na Suíça. A redação calorosa demonstra o apego às irmãs e aos filhos, bem distante da cerebral e reverenciadíssima obra literária.



GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS\_TO\_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

# Rabanadas ganham lugar à mesa e no cardápio

Clássico das festas aparece repaginado como sobremesa de restaurante e também em versões para encomenda



Tortamannia

**BELISCO** - No premiado bar de vinhos, em Botafogo, a chef Monique Gabiatti aposta em receitas criativas servidas em formato de belisco. Para os amantes de rabanada a sugestão é a Pain Perdu (R\$43), rabanada feita com brioche de fermentação natural grelhado na manteiga, e finalizada com doce de leite, flor de sal e erva doce fresca. Acompanha creme inglês de laranja. Rua Arnaldo Quintela, 93 – Botafogo. Tel: (21) 99309-6196.

**PESCADOS NA BRASA** - Produzidas pela cozinheira Adriana Veloso, o clássico doce natalino (R\$ 7,90, unidade) pode vir recheado com doce de bacuri (R\$ 11,90, unidade) ou de cupuaçu (R\$ 9,90, unidade), fruto típico da região norte. O pedido mínimo é de 6 unidades deve ser feito até dia 23 de dezembro. A rabanada “do norte” também entrou no cardápio e agora é sobremesa fixa da casa: servida com creme de bacuri e calda de cupuaçu, finalizada com rasas de cumaru (R\$ 33,90). Rua João Lira, 97. Tel: (21) 97895-6221.

**D**o salão ao pedido para levar, a rabanada atravessa a temporada como um dos doces mais celebrados do período. Restaurantes apostam em releituras que vão do preparo mais tradicional às versões autorais, com caldas, recheios e apresentações cuidadosas, enquanto cozinhas e confeitarias oferecem o doce sob encomenda para quem quer manter a tradição em casa, sem abrir mão de técnica e sabor. Confira abaixo as sugestões que o Correio da Manhã preparou para você:

Araucária Pães – As rabanadas da casa (R\$ 12) são feitas com brioche artesanal, que absorve a calda de leite e açúcar antes de ir ao forno em alta temperatura, criando uma combinação de crocância e maciez. Endereço: Rua Gomes Freire, 430 - Lapa. Contato: @ araucariapaes



Araucária



Que Doce



Pescados na Brasa



Sebastian Gastrobar



Sem Culpa Gastronomia



Puli Trattoria



Belisco

**PULI TRATTORIA** – O restaurante preparou um menu especial para as festas de fim de ano. Entre as opções está a rabanada clássica com calda de doce de leite (R\$ 90 – 10 unidades). Rua Marquês de São Vicente, 90 (Villa 90) – Gávea. Tel: (21) 3851-7373

**QUE DOCE** - A rabanada tradicional (sete unidades - R\$86) chega com aquela pegada caseira que já virou identidade da casa. E, como novidade no cardápio, a rabanada recheada aparece em três versões : doce de leite, Nutella e creme belga, vendidas a partir de sete unidades (R\$ 107). Rua Odilio Bacelar, 30 – Urca. Tel: (21) 98754-4648.

**SEBASTIAN GASTROBAR** – No bar, localizado no Baixo Gávea, tem a rabanada com chocolate e pistache (R\$ 32) que é banhada em leite condensado com chocolate 50%, pistache picado, flor de sal e rasas de tangerina. Rua dos Oitis 6A – Gávea. Tel: (21) 96622-4885.

**SEM CULPA** – As rabanadas Natalinas da casa são feitas com fécula de batata, farinha de arroz , polvilho, psyllium, leite sem lactose, açúcar demerara, doce de leite artesanal e ovos. Não contém glúten e lactose (R\$ 25 - unidade) e (R\$ 100 - 5 unidades). Rua Governador Irineu Bornhausen loja R1 - Flamengo. WhatsApp (21) 99933-8118.

**TORTAMANIA** - Além de tortas salgadas e doces, as clássicas rabanadas não poderiam ficar de fora. Entre as sugestões estão a Rabanada Tradicional (R\$ 11,90 – 2 unidades e R\$ 19,90 – 4 unidades) e a Rabanada Recheada com Doce de Leite (R\$ 15,90 – 2 unidades e R\$ 27,90 – 4 unidades). Rua Vinicius de Moraes, 121/D - Ipanema. Tel: (21) 3273-0333.



# Fora do Eixo: Paranoá une cinema e cultura popular

Região articula festival, portal cultural e ações ligadas ao audiovisual

Por Mayariane Castro

Palco de muita arte e berço de muitos artistas, o Paranoá hoje se consolida dentro da cena cultural do DF de forma singular. Criado em 1987, o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoã (Cedep) atua nas áreas de cultura e educação no Distrito Federal e é um dos realizadores do Festival de Cinema do Paranoá.

A iniciativa integra um conjunto de ações desenvolvidas pela entidade junto à comunidade local e tem como foco a promoção de produções cinematográficas brasileiras a partir das Regiões Administrativas do Paranoá e do Itapoã, com conexões em outros territórios do DF e do país.

O Festival de Cinema do Paranoá busca ampliar o acesso ao audiovisual e estimular a produção independente, estudantil e autoral.

A programação prioriza a participação de cineastas negros, a pluralidade de narrativas e a ampliação da presença de obras dirigidas por mulheres.

As três edições do festival foram realizadas nas dependências do Cedep, organização sem fins lucrativos que atua há mais de 30 anos na região.

O Cedep desenvolve projetos voltados à alfabetização de jovens e adultos, educação infantil, atividades culturais, esportivas e ações de cidadania. Parte dessas iniciativas tem como eixo a promoção da igualdade de gênero.

O Paranoá e o Itapoã estão entre os territórios classificados como áreas de vulnerabilidade social no Distrito Federal, contexto no qual a instituição mantém atuação continuada junto à população.

## Portal digital

Além do festival, o Cedep participa da construção do Território Cultural do Paranoá, um portal digital voltado ao mapeamento e ao fortalecimento da produção cultural local. A plataforma tem como objetivo cadastrar agentes culturais e artísticos da região, como cantores, compositores, músicos, bandas, grupos, artistas visuais, poetas, artesãos, coletivos e espaços de criação. O levantamento busca sistematizar informações sobre a produção cultural existente e ampliar a articulação entre os agentes do território.

A proposta do portal está relacionada a ações de arte, educação



Martinha do Coco é uma das personalidades culturais do Paranoá

e fomento cultural desenvolvidas no Paranoá. A iniciativa pretende reunir dados que contribuam para a formulação de políticas culturais e para a visibilidade dos trabalhadores da cultura que atuam na região administrativa.

## Martinha do Coco

Entre as ações culturais ligadas ao território está a proposta idealizada por Marta Leonardo, conhecida como Mestra Martinha do Coco. Moradora do Paranoá há cerca de 30 anos, a artista

desenvolve atividades socioculturais voltadas à valorização da cultura popular e afro-brasileira no local. Nos últimos seis anos, essas ações foram organizadas em três eventos anuais, realizados no início, no meio e no fim do ano.

# Quadrilhas juninas premiadas empolgam

“Arroxa o Nó” conquistou o primeiro lugar na liga do Distrito Federal este ano

Nascida em Olinda, em Pernambuco, Martinha do Coco migrou para a antiga Vila do Paranoá aos 17 anos e mora na região administrativa desde então. Iniciou sua trajetória profissional como empregada doméstica e, posteriormente, passou a atuar com música.

Teve contato com o samba de coco a partir do grupo de percussão da Organização Tambores do Paranoá (Tamnoá), do qual se tornou integrante e fundadora do Ponto de Cultura Tambores do Paranoá. Seu trabalho autoral dialoga com referências do coco, maracatu e ciranda. Em 2013, recebeu do Ministério da Cultura o título de Mestra da Cultura Popular.

Desde o início da carreira solo, em 2006, Martinha do Coco realizou apresentações no Distrito Federal e em outros estados, participando de eventos institucionais e festivais culturais. A artista

também organiza anualmente, no Paranoá, o pré-carnaval de rua com o bloco Segura o Coco. Recentemente, recebeu o Prêmio de Mestra da Cultura Popular da Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

## Quadrilhas

O território do Paranoá também se destaca no circuito de quadrilhas juninas. A quadrilha Arroxa o Nó, sediada na região, conquistou o primeiro lugar no grupo especial do Distrito Federal pela Liga de Quadrilhas Juninas do Distrito Federal e Entorno (LinqDFE). A final ocorreu nos dias 20, 21 e 22 de junho, no estacionamento do Estádio Serejão, em Taguatinga, com a participação de mais de 20 grupos.

Com o tema “O Segredo do Alto do Moura”, a apresentação da Arroxa o Nó abordou a obra do artesão pernambucano Mestre



Arroxa o Nó ganhou o prêmio lugar no concurso de quadrilhas

Vitalino. Em segundo e terceiro lugares ficaram, respectivamente, as quadrilhas Formiga da Roça, de São Sebastião, e Ribuliço, da Ceilândia. No Grupo de Acesso, a quadrilha Vai mas Não Vai, de Luziânia, ficou em primeiro lugar, seguida por Tico Tico no Fubá, de Águas Lindas de Goiás, e Espalha Brasa, do Paranoá.

As quadrilhas vencedoras do grupo especial seguem para a etapa de representação do Distrito Federal em concursos nacionais, na qual a Arroxa o Nó ganhou o título nacional em 2024. As ações relacionadas ao audiovisual, à cultura popular e às manifestações tradicionais integram o conjunto de iniciativas desenvolvidas no Paranoá por agentes culturais e instituições locais, entre elas o Cedep, que mantém atuação contínua no território desde a década de 1980.



# SEXTOU! UM DF DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

## SHOW

### Concerto de Natal

✳Após cerca de sete anos, a Orquestra OBACH volta aos palcos de Brasília com um Concerto de Natal em 21 de dezembro de 2025, às 16h, no Santuário Dom Bosco. Fundada em 2016 por Kathia Pinheiro e Airan Sousa, a orquestra apresentará obras de Bach, Corelli, Handel e Gluck, com participação da soprano Erika Kallina, do maestro Rafael Abreu e do coral da UnB. A entrada é solidária, com doação de 1 kg de alimento. O concerto marca o retorno da OBACH, reconhecida por interpretações históricas da música erudita.

### Circuito Patrimônio Vivo

✳Na segunda-feira (15), o Instituto Rosa dos Ventos lançou, no Clube do Choro, o Circuito Patrimônio Vivo, reunindo ialorixás, artistas, mestres e representantes culturais do DF. A iniciativa prevê ações de preservação de bens culturais e inclui o primeiro Festival do Patrimônio Brasileiro, em março, na Ceilândia. Também foi anunciada a devolução das 16 estátuas à Praça dos Orixás, em 2026. O circuito contempla atividades contínuas, celebrações tradicionais e valorização dos saberes afro-brasileiros e populares.

### Clara Nunes em show

✳Renata Jambeiro apresenta o show Mestiça – Celebrando Clara Nunes no dia 22 de dezembro, às 20h, no Clube do Choro de Brasília. A apresentação integra a 16ª edição do Jambeiro Solidário, projeto beneficente criado pela artista, com doações destinadas à Creche Clara Nunes e ao Projeto Comunidade Viva. No repertório, clássicos e canções menos conhecidas de Clara Nunes, em um espetáculo musical e cênico que celebra seu legado. A entrada custa R\$ 35 + 1 kg de alimento não perecível.

## TEATRO

### “Dingou Béus”

✳O espetáculo natalino “Dingou Béus”, da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo, entra em cartaz nos dias 20 e 21 de dezembro, no Teatro Royal Tulip, em Brasília. Com humor inteligente e satírico, a peça reinventa o Natal ao misturar a Sagrada Família, os Reis Magos e Papai Noel em situações absurdas e críticas aos excessos contemporâneos. A curta temporada inte-



Orquestra OBACH retorna aos palcos em 21 de dezembro



Instituto Rosa dos Ventos lança Circuito Patrimônio Vivo

gra a turnê anual do grupo, que celebra 30 anos de trajetória.

### Dobradinha

✳Três criações — “Boca Seca”, “Asteroide AP612” e a residência “[CASA VAZIA]” — integram o projeto Dobradinha, pesquisa cênica sobre presença, vazio e existência. Com recursos do FA-C-DF, a circulação começa em Brasília e segue para Alta Floresta (MT) e Recife (PE), em janeiro de 2026, com participação no Janeiro de Grandes Espetáculos. Além das apresentações, o projeto promove oficinas e residência artística. As sessões

em Brasília ocorrem no Teatro Galpão Hugo Rodas, entre 19 e 21 de dezembro, com ingressos a preços populares e atividades formativas gratuitas.

### Coisas de Natal

✳Até 21 de dezembro, a área externa da CAIXA Cultural Brasília recebe o projeto “Estação Natal – Férias na CAIXA Cultural”, com programação gratuita voltada para famílias, crianças e jovens. O evento reúne espetáculos de circo, teatro de rua, música, performances inclusivas, atividades radicais e oficinas culturais, celebrando o início das férias



Projeto Dobradinha entra em cartaz

escolares. Entre as atrações estão Circo dos Irmãos Saúde, Cariola, Firulas Musicais, a fanfara MCPN e o grupo Patubatê, além de escalada, tirolesa e oficinas circenses. Entrada livre.

### Daniel Duncan em Brasília

✳Prepare-se para rir e se incomodar. No novo stand-up, Daniel Duncan usa sarcasmo e humor ácido para refletir sobre os absurdos da vida moderna, passando por política, religião, redes sociais, masculinidade tóxica e crises contemporâneas. Com estilo direto e provocador, transforma temas sensíveis em

piadas afiadas e mostra que rir ainda é o melhor remédio. O show acontece dia 20 de dezembro, no Teatro SESC Silvío Barbato, em Brasília.

## FESTIVAL

### Favela Sounds 2026

✳O Favela Sounds abre inscrições para o curso gratuito “Como criar um Favela Sounds?”, imersão formativa voltada a quem deseja criar e estruturar projetos e festivais criativos. Com 20 vagas, o curso acontece de 26 de janeiro a 6 de fevereiro de 2026, na Universi-



# OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Divulgação

Programação de férias na Caixa Cultural



Divulgação

3ª edição do FestCaras estreia no Gama



Divulgação

Cia de Cantores Líricos de Brasília em homenagem



Divulgação

Day Off reúne mulheres em tarde de reconexão



Divulgação

Exposição Uma história da arte brasileira

dade Afrolatinas, no Varjão. Em seis aulas presenciais, aborda idealização, gestão, captação de recursos, produção e estratégias de circulação.

## FestCaras

✳O Grupo Caras – Teatro Multifácico realiza, de 15 a 19 de dezembro, a 3ª edição do FestCaras – Festival de Esquetes, no Teatro do Espaço Cultural Cidade dos Bonecos, no Gama. Gratuito, o evento reúne mostra competitiva com 14 categorias, homenageia a artista Livia Bennett e promove debates, acessibilidade e valorização da cena teatral independente do DF e entorno.

## Festival para crianças

✳A BebeLume Produções Audiovisuais, sediada em Brasília, é referência na criação de conteúdos artísticos para a primeira infância, com atuação reconhecida no Brasil e no exterior. Fundada por Clarice Cardell e

Léo Hernandez, a produtora desenvolve obras sensíveis, livres de publicidade e centradas na criança como sujeito de direitos culturais. Premiada em festivais internacionais, a BebeLume une arte, educação e tecnologia em projetos inovadores.

## PROJETO

### Day Off reúne mulheres

✳A primeira edição do Day Off reuniu mulheres empreendedoras em 11 de dezembro, na Casa da Colina, em Brazlândia (GO), para uma tarde de pausa consciente, reflexão e planejamento. Idealizado por Vivi Manzur e Bia Renovato, o encontro propôs reconexão, exercícios a construção de um Plano de Vida 2026, unindo negócios, autocuidado e bem-estar em uma experiência sensorial e acolhedora.

### Projeto Arte na Praça

✳A Praça das Artes, na Quadra 8 de Sobradinho, recebe no

sábado, 20 de dezembro, a 13ª noite do projeto Arte na Praça, com imersão na cultura sertaneja. A partir das 19h, sobem ao palco os cantores Márcio Texano e Arlon Victor. O evento começa às 17h com feira, gastronomia e atividades para crianças, além de apresentação de dança do ventre com Karol Thayná. Entrada gratuita e programação para toda a família.

## Cia de Cantores Líricos de Brasília

✳Projeto realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF, “O Canto Através dos Tempos – Recital de Canto Erudito” revive grandes compositores como Mozart, Bizet, Verdi e Wagner. As apresentações acontecem nos dias 19 e 20 de dezembro de 2025, às 20h, no CEMI do Cruzeiro, com entrada gratuita e classificação livre. A iniciativa da Cia. de Cantores Líricos de Brasília busca popularizar o gênero operístico com acessibilidade, tradução e menor duração. Mais informações: @ciadecantoresliricos.

## EXPOSIÇÃO

### MAM Rio

✳O Centro Cultural Banco do Brasil Brasília apresenta a exposição Uma história da arte brasileira, realizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio). Depois de sua primeira etapa em Belo Horizonte, a mostra chega ao Distrito Federal em versão ampliada reúne cerca de cem obras.



# Os sons e a poesia no caminhar da W3-Sul

Projeto cria percurso sonoro por uma das principais e mais antigas ruas de Brasília

Por Mayariane Castro

O Coletivo Transverso estreou no dia 18 de dezembro, às 17h, o projeto “Cada Caminho é um Poema – Edição Relicário”, uma intervenção artística ao ar livre que propõe um percurso sonoro pela W3 Sul, em Brasília.

A ação tem início e término no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, e convida o público a caminhar pela avenida guiado por áudios acessados por meio do celular. A participação é gratuita e aberta ao público, com visitação disponível até 17 de janeiro de 2026.

Idealizado em parceria com a Andaime Cia de Teatro, o projeto utiliza mapas impressos com QR codes que liberam conteúdos sonoros ao longo do trajeto. Com fones de ouvido, os participantes escutam textos, depoimentos, cenas e registros sonoros desenvolvidos a partir da própria W3 Sul.

A proposta articula dramaturgia, memória urbana e escuta do espaço público, colocando a avenida como parte central da experiência.

Durante a abertura, o percurso será realizado de forma cole-

tiva, com acompanhamento das artistas Patrícia Del Rey, do Coletivo Transverso e da Andaime Cia de Teatro, e Kamala Ramers e Tatiana Bittar, integrantes da Andaime.

Ao final da caminhada, está previsto um bate-papo com os participantes para compartilhamento das impressões da vivência. Após a estreia, o público poderá realizar o percurso de forma autônoma, seguindo as orientações do mapa.

## Observação do território

O projeto conta com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. A proposta é voltada para pessoas que circulam pela cidade e se dispõem a observar o território a partir da escuta, considerando elementos como sons, fluxos, deslocamentos e mudanças do ambiente urbano que costumam passar despercebidos na rotina cotidiana.

A Edição Relicário é resultado de uma investigação artística conduzida pelos dois coletivos ao



A proposta é caminhar pela rua com um acompanhamento sonoro

longo de caminhadas realizadas na W3 Sul em diferentes horários do dia, do amanhecer ao fim da tarde. Durante o processo, foram observados o ritmo da avenida, as variações climáticas, os encontros entre pessoas e as paisagens humanas e arquitetônicas que compõem o cotidiano da via. Esses

registros serviram de base para a criação da dramaturgia sonora apresentada ao público.

## Chuva

A presença recorrente da chuva durante o período de pesquisa foi incorporada aos áudios e à estrutura do percurso. Por esse mo-

tivo, a organização orienta que os participantes estejam preparados para variações climáticas, levando guarda-chuva e utilizando celular carregado. A experiência é realizada integralmente por meio do aparelho móvel, sem necessidade de outros dispositivos além de fones de ouvido.

## Temas que envolvem a avenida

Projetos arquitetônicos e urbanísticos tentam reviver o antigo brilho da rua

O trajeto proposto tem pouco mais de um quilômetro e foi pensado para ser acessível, incluindo pessoas com mobilidade reduzida. Segundo a coordenação do projeto, o percurso começa e termina no Espaço Cultural Renato Russo e utiliza trechos da W3 Sul que permitem deslocamento contínuo, sem a necessidade de intervenções físicas adicionais no espaço urbano.

De acordo com Patrícia Del Rey, uma das idealizadoras, os conteúdos abordam temas como acessibilidade, apagamentos urbanos, relações de vizinhança, precarização de espaços, deslocamento e permanência na cidade. A dramaturgia foi construída a partir de observações diretas do território e de relatos associados à avenida, sem a intenção de oferecer uma leitura única sobre Brasília.

A intervenção marca a segunda colaboração entre o Coletivo

Transverso e a Andaime Cia de Teatro. A parceria anterior ocorreu em 2016, com a performance “Queimada de Sutiã”, apresentada na Esplanada dos Ministérios. Quase dez anos depois, os grupos retomam o trabalho conjunto com foco em pesquisas relacionadas à memória urbana, à presença no espaço público e às relações estabelecidas entre pessoas e cidade.

Criado em 2011, em Brasília, o Coletivo Transverso desenvolve intervenções no espaço público por meio de diferentes linguagens, como lambe-lambe, stencil, projeções luminosas, performances e ações de jardinagem. O grupo é formado por Cauê Maia, Patrícia Del Rey e Rebeca Damian e investiga temas ligados à memória social, à poesia e aos usos da cidade. O coletivo já realizou ações em instituições culturais e participou de eventos



O projeto foi concebido pelo coletivo Transverso

nacionais e internacionais, além de atuar como editora independente desde 2018.

A Andaime Cia de Teatro foi fundada em 2007, na Universidade de Brasília, e desenvolve pesquisas em teatro de grupo, performance e ocupação do espaço urbano. A companhia mantém repertório com apresentações no Brasil e no exterior e também atua na área de formação artística e intercâmbio cultural.

Partes do projeto original do Plano Piloto, as avenidas W-3 Sul e Norte foram criadas originalmente para abrigar o comércio principal de Brasília. Durante muito tempo, abrigaram as principais lojas da cidade.

A criação dos shopping-centers, porém, levou a um processo de degradação das duas avenidas. Diversos projetos arquitetônicos estudam como revitalizar as ruas.





**Neste fim de semana** alguns dos nomes **mais representativos da rock** dos anos 1980 estarão se apresentando na cidade. No sábado (20), o **Barão Vermelho** (foto) apresenta suas novas canções e hits de toda uma vida **no Circo Voador**; na mesma noite **saudosistas de plantão** podem conferir **shows da Blitz** e do **Biquini no Morro da Urca**; e, no palco intimista do **Blue Note Rio**, **George Israel** relembra suas **parcerias com Cazuza** e sucessos de sua ex-banda, o **Kid Abelha**. Páginas 2, 3 e 4